

Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2021)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

Homepage: https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rcl

Moorman, Marissa. 2019. Powerful frequencies: radio, state power, and the Cold War in Angola, 1931-2002. Athens: Ohio University Press.

Rogério Santos

Como Citar | How to cite:

Santos, R. (2021). Moorman, Marissa. 2019. Powerful frequencies: radio, state power, and the Cold War in Angola, 1931-2002. Athens: Ohio University Press. Revista De Comunicação E Linguagens, (54), 343-347. https://doi.org/10.34619/beez-tbwp

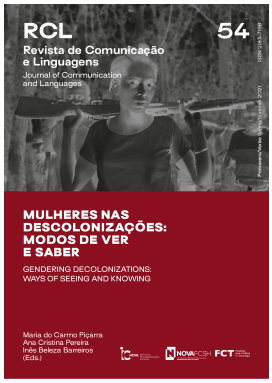
DOI: https://doi.org/10.34619/beez-tbwp

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2021)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

Homepage: https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rcl

Moorman, Marissa. 2019. Powerful frequencies: radio, state power, and the Cold War in Angola, 1931-2002. Athens: Ohio University Press.

Rogério Santos

Como Citar | How to cite:

Santos, R. (2021). Moorman, Marissa. 2019. Powerful frequencies: radio, state power, and the Cold War in Angola, 1931-2002. Athens: Ohio University Press. Revista De Comunicação E Linguagens, (54), 343-347. Retrieved from https://revistas.fcsh.unl.pt/rcl/article/view/1376

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Moorman, Marissa. 2019. *Powerful frequencies: radio, state power, and the Cold War in Angola, 1931-2002*. Athens: Ohio University Press.

ROGÉRIO SANTOS

Universidade Católica Portuguesa,
Faculdade de Ciências Humanas
Centro de Estudos de Comunicação e Cultura
rogeriosantos@netcabo.pt

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

Professora associada no departamento de História da Universidade de Indiana Bloomington, EUA, onde ensina História Africana e cinema e estudos dos média, Marissa Moorman tem vindo a fazer um trabalho original e pioneiro sobre como a realidade angolana foi divulgada na rádio e ganhou expressão através da indústria discográfica, antes e depois da independência da ex-colónia portuguesa. Para além de artigos, Moorman publicou dois livros essenciais, recorrendo a investigação em arquivos e entrevistas com antigos profissionais da rádio, em que aprofundou o tema.

Editado em 2008, o seu primeiro livro, *Intonation: A Social History of Music and Nation in Luanda, Angola, from 1945 to Recent Times*, analisa a construção da identidade angolana durante o período de luta pela independência. Foca-se, para tal, nas emissões de rádio e na música angolana, cantada nas várias línguas nacionais e desenvolvendo o que a autora identifica como angolanidade. Nesta obra, aborda o fenómeno dos clubes surgidos nos musseques — bairros em redor do centro da cidade onde viviam os negros africanos e os brancos pobres — e dos festivais musicais em Luanda e, ao mesmo tempo, o impacto cultural da rádio na construção da nacionalidade angolana. Os nacionalistas "navegaram" as ondas de rádio e, através da edição de discos em vinil, foram (re) criando ritmos como a semba, kizomba e rumba (esta última do Congo). Já nos anos 40, Angola assistiu ao reaparecimento da expressão cultural crioula. No final do século XIX, tinham surgido movimentos culturais e literários africanos, envolvendo negros e mestiços, mas o governador-geral de Angola de 1912 a 1915, Norton de Matos, criaria

legislação para a sua dissolução e integração em clubes e associações sem filiação de cor de pele. Um dos acontecimentos mais importantes para o ressurgimento cultural crioulo foi a criação, em 1947, da banda N'gola Ritmos. Depois, ao longo da década de 1950, os musseques de Luanda tornaram-se o epicentro da cultura urbana africana. A principal conclusão deste seu livro é a de que se a rádio contribuiu para a massificação da música angolana a indústria discográfica expandiu-a.

Em *Powerful Frequencies Radio, State Power, and the Cold War in Angola. 1931-2002*, publicado em 2019, Marissa Moorman dedica capítulos sobre a rádio desde o período colonial (até 1975) à fase de afirmação mais recente,

Durante décadas, a rádio colonial dirigiu-se apenas aos colonos brancos; somente a partir de 1960, com um programa de Sebastião Coelho em língua Umbundu, na estação de rádio Huambo, Cruzeiro do Sul, a audiência negra passou a aceder a discursos, mensagens, e música culturalmente direcionados para si. Em 1964, já a viver e trabalhar em Luanda, Rádio Ecclesia produziu o seu programa, agora em Kimbundu (a língua dominante em Luanda), "Tondoya Mukina o Kizomba" (Uma festa cá em casa), apenas com música angolana de artistas como Cabinda Ritmos, Carlos Lamartine, David Zé, Elias Dia Kimuezo, Kiezo, Alberto Teta Lando, N'gola Ritmos, Rui Mingas e Duo Ouro Negro, a mais vibrante música urbana angolana. Simultaneamente, editoras fonográficas (propriedade de empresários portugueses e locais) lançaram discos e empresários musicais promoveram espectáculos ao vivo nas praças de alguns musseques, enquanto a juventude negra aderia ao vestuário e penteados da moda.

Como a abertura e encerramento de uma peça musical, a introdução e o último capítulo do livro são de profunda reflexão. Neles, a autora não receia criticar tanto o regime colonial como o regime estabelecido em Angola em Novembro de 1975. Admirei-lhe a lucidez, pessimista, com que avalia a situação.

Quanto ao primeiro capítulo, li com interesse as páginas sobre colonos e a cidade de Sá da Bandeira (Lubango, hoje em dia), que informam e contextualizam os leitores internacionais não familiarizados com a história de Angola. Do período colonial, destaco três temas tratados no livro: a importância da rádio no Lubango, o papel do português Manuel Bivar como estratega da radiodifusão colonial a partir de 1961 e a análise da construção do edifício da Emissora Oficial de Angola, símbolo do colonialismo tardio e que o novo poder recuperou.

O melhor do livro está, no entanto, nos capítulos quatro a seis, em que Marissa Moorman escreve sobre a rádio desde 1974, particularizando a independência em 1975 e analisando o seu desenvolvimento nas décadas seguintes. O poder governamental influenciou a vida da rádio, primeiro com a transição assegurada pela permanência dos quadros portugueses até à nacionalização da rádio em Dezembro de 1975, e, depois, após uma das maiores tragédias da história do MPLA, com o chamado golpe de Estado de 27 de Maio de 1977. Foi então que o grupo de Nito Alves, José Van-Dunem e Sita Valles foi destruído e centenas ou milhares de jovens funcionários angolanos desapareceram.

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

A luta também atingiu a Rádio Nacional de Angola, com o assassinato do seu diretor José Santos Matoso. Moorman detalha como, antes da independência de Angola, existiam 15 estações em todo o país, entre a rádio estatal, clubes de rádio, e estações comerciais. Com a independência, as várias rádios foram nacionalizadas e fundidas numa única rádio nacional.

O livro merece outras notas. Deixo uma, relativa ao recurso ao *jamming* para impedir a boa audição das emissões das rádios dos partidos da oposição. Neste âmbito o conceito de *jamming* (tipo de interferências nas emissões através de ruídos, que impedem a boa receção dos programas) não é técnico mas político. O *jamming* político, no entender de Moorman, é a oposição de grupos sociais ao discurso do Presidente José Eduardo dos Santos, acusando-o de falso e desonesto, e apontando a necessidade de um novo regime sem corrupção. A historiadora norte-americana identifica como principais "rostos" desta oposição (*jamming* político) o jornalista Rafael Marques e o grupo em que se destacou Luaty Beirão. O último parágrafo do capítulo e do livro é paradigmático quanto ao estilo livre e independente de Moorman e remete para o título do livro: mesmo quando o MPLA como partido do poder produziu repetidos estímulos (iterações) nas frequências potentes, os angolanos encontraram formas, noutros meios de comunicação social, para proteger e defender os seus interesses.

Assinalo outras contribuições essenciais do livro e a necessidade de alargar a sua discussão científica. Uma é a atenção dada à música dentro do perímetro de Luanda. A música de todo o país teve, porém, o mesmo impacto. Recordo os discos do locutor e produtor de rádio Sebastião Coelho e dos seus colegas, a música étnica eletrificada e adaptada aos ritmos modernos de Cabinda e a coleção de música tradicional da Lunda Norte (cultura ckokwe) reunida pela Diamang, tanto pelo museu como através da estação de rádio do Dundo, onde se localizava a sede da empresa. Outra contribuição é a que a autora escreve sobre nenhum dos profissionais com experiência radiofónica — como Paulo Jorge, Mbeto Traça ou Adolfo Rodrigues Maria — ter sido integrado na direção da rádio nacional após a independência. Entrou, nomeado por Agostinho Neto, José Santos Matoso, assassinado em Maio de 1977. Adolfo Rodrigues Maria estava num longo processo de dissidência, talvez desde 1970, quando ainda era responsável pelo programa de rádio do MPLA de Angola Combatente, desde Brazzaville, até se esconder com medo de ser assassinado no contexto do golpe dos nitistas.

Uma nota final, a de agradecimento a dois investigadores fora do universo português que estudaram Angola como mais ninguém. Uma é a falecida antropóloga inglesa Jill Dias, que estudou o contexto cultural e social de Angola do século XIX e os inícios do seguinte. O olhar mais objetivo e neutro que os portugueses e angolanos, permitiu a Jill Dias perceber melhor as contradições do colonialismo. A outra é, evidentemente, Marissa Moorman, que integra o coletivo editorial da *Radical History Review* e o conselho editorial de *Africa is a Country*. Autora muito ligada a Angola, falando e escrevendo bem em português, isso permitiu-lhe entrevistar radialistas, políticos e simples ouvintes da

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

rádio em Angola, bem como ler e interpretar os arquivos nacionais dos dois países (em Portugal, o da Torre do Tombo e o Arquivo Histórico-diplomático), e concluir pelo dinamismo das emissões anticolonialistas e, em especial, pela formação de uma cultura autónoma e independentista dos africanos.

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

Bibliografia

Moorman, Marissa. 2008. *Intonations: A Social History of Music and Nation in Luanda, Angola, from 1945 to Recent Times*. Athens: Ohio University Press.

Moorman, Marissa. 2019. *Powerful Frequencies: Radio, State Power, and the Cold War in Angola, 1931-2002*. Athens: Ohio University Press.

Nota biográfica

Foi professor associado da Universidade Católica Portuguesa, agora aposentado, onde dirigiu a área científica de Comunicação. Tem diversos livros publicados sobre sociologia dos media e história das telecomunicações e da rádio.

ORCID iD

0000-0002-0785-9278

CV

3E1A-050C-0FED

Morada institucional

Palma de Cima
1649-023 Lisboa, Portugal.

Recebido Received: 2021-01-28

Aceite Accepted: 2021-01-28

DOI https://doi.org/10.34619/beez-tbwp

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198